

A RELAÇÃO FAMILIAR NA ANIMAÇÃO
“FROZEN, UMA AVENTURA CONGELANTE”
COMO AÇÃO REFLEXIVA PARA A PRÁTICA DOCENTE

Braulio Maciel Silva (Braulio_maciel@hotmail.com)

Lucicleide Brito (cl_eide_brito@hotmail.com)

Orientadora: Senyra Martins Cavalcanti (senyra@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

Este trabalho visa se debruçar sobre a convivência conturbada entre duas irmãs na animação *Frozen, Uma Aventura Congelante* (2013, direção: Chris Buck, Jennifer Lee) e a sua relação com o ambiente escolar e as práticas docentes adotadas por alguns professores. O espaço simulado/representado no filme é vivenciado no cotidiano de um reino, em cuja relação de separação entre irmãs imposta pelos pais, desenvolve-se a trama. Questiona-se, portanto, o quanto este filme pode influenciar a leitura da família urbana “real”, ressaltando possíveis ações metodológicas em uma sala de educação infantil que visem uma maior participação dos alunos, em contraponto ao isolamento natural ocasionado pelas “diferenças” entre os mesmos. O dizível e o visível, o visível e o invisível seguem procedimentos específicos na narrativa. É pertinente, portanto, questionar em que aspectos a sala de aula pode ser afetada e pode afetar no processo ensino aprendizagem, utilizando procedimentos de socialização dos potenciais em detrimento do isolamento percebido a partir dos diferentes ritmos de aprendizado. O artigo fundamenta-se nas teorias de Metz (2007), quanto a verossimilhança; Ranciére (2012), com o conceito de alteridade das imagens; Vygotsky (2000), com o processo ensino-aprendizagem, Duarte (2002), Silva (2008) e Libâneo (1986), com práticas pedagógicas e sociais.

Palavras-chaves: Família. Isolamento. Educação Infantil.

ABSTRACT

This paper aims to look into the troubled coexistence of two sisters in animation *Frozen, A Freezing Adventure* (2013, directed by: Chris Buck, Jennifer Lee) and his relationship with the school environment and the teaching practices adopted by some teachers. The simulated space / depicted in the film is experienced in everyday life of a kingdom, whose relative separation between sisters imposed by parents, develops the plot. Wonders, therefore, how this movie can influence the reading of the "real" urban family, highlighting possible methodological actions in a room of early childhood education aimed at greater participation of students, as opposed to isolation caused by natural "differences" between the same. The sayable and the visible, the visible and the invisible follow specific procedures in the narrative. It is pertinent, therefore, to question the ways in which classroom can be affected and may affect the teaching-learning process, using procedures socialization of potential detriment of perceived isolation from the different pace of learning. The article is based on the theories of Metz (2007), as verisimilitude; Ranci re (2012), the concept of otherness images; Vygotsky (2000), with the teaching-learning process, Duarte (2002), Silva (2008) and Libâneo (1986), with pedagogical and social practices.

Keywords: Family. Isolation. Early Childhood Education.

INTRODUÇÃO

Principal responsável pela transmissão de valores, ideais e crenças, presente em todas as sociedades, a família é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, atuando como mediadora principal das regras e padrões de conduta. É também responsável pelas influências culturais, pela busca da qualidade de vida de todos os membros da casa, bem como do estímulo ao partilhar, influenciando fortemente no comportamento de cada um, especialmente das crianças, tendo em vista que elas estão na fase de construção das relações sociais e estão em pleno desenvolvimento da sua visão particular de mundo.

A relação entre as duas princesas, protagonistas do reino de Arendelle, em “Frozen, uma aventura congelante”, é abalada a partir do momento em que Elsa, a irmã mais velha, que possui poderes especiais como criar e controlar o gelo em todas as suas formas, em uma de suas muitas brincadeiras quase mata a irmã. Os pais das personagens principais tomam uma atitude radical após o acidente: separam as duas ainda na infância, para que Elsa não machuque Anna. Não só as irmãs, mas também o castelo e o reino de Arendelle são isolados do resto do mundo por causa disso.

As consequências dessa atitude são visíveis durante toda a narrativa. Mudança brusca de comportamento, dificuldade nas relações sociais, frustrações e muita solidão. De um lado da porta do quarto, após inúmeros convites para “brincar na neve e um boneco fazer”, Anna quase perde as esperanças de viver uma nova história ao lado da irmã, especialmente por terem ficado há pouco tempo órfãs. Ao pé da porta, sentada do outro lado, permanece a mais velha, cabisbaixa, sem direção ou rumo, mas com a missão de não prejudicar ninguém com seus “dons”.

Mesmo com a insistência de Anna, as duas crescem separadas por uma porta. Belas canções são entoadas, frases carregadas de forte sentimento são ditas, olhares lacrimosos, silêncio sepulcral, nada muda o destino das irmãs princesas. O reino de isolamento estava deixando marcas profundas na vida de ambas.

Através de sua linguagem acessível ao público “leigo”, a animação oferece uma das mais sedutoras mediações entre *a família como conceito* e *a família como experiência*.



Clássica cena da separação entre as irmãs.

RANCIÈRE (2012, p. 21), menciona que *“Uma palavra modificada, e o sentimento é outro – e a alteração pode e deve ser exatamente transcrita pelo desenhista.”* As palavras, nesse caso, dão lugar à arte das formas visíveis. A poesia presente nas imagens reflete a intenção do filme em querer despertar sensações que levem o espectador a inferir sentimento pelas personagens, modificando o padrão de diversão e de risos gratuitos, habitualmente adotados pelas animações em geral, por muitos momentos de reflexão e de análise crítica. É pertinente se questionar, portanto, o quanto este espaço fílmico, dada a imensa popularidade no cinema, pode influenciar a leitura da família urbana “real”, perpassando os limites do lar e alcançando a sala de aula da educação infantil, sobretudo no que tange aos procedimentos metodológicos adotados por alguns professores, causadores muitas vezes de mais isolamento que estímulo à cooperação e à participação, quando percebem as diferenças no ritmo de aprendizado dos alunos.

METODOLOGIA

A poesia existente na retratação de um momento, de um fato histórico registrado através das lentes de um dispositivo ou desenhado com técnicas especiais, proporciona uma verdadeira viagem pelo mundo da fantasia, além de evidenciar aspectos não valorizados quando observados pela ótica de um simples espectador. As minúcias, os detalhes e todo o envolvimento que uma imagem capturada pode proporcionar desperta a noção do dizível e do invisível, principalmente quando apresenta novos significados e novas perspectivas à luz dos olhos de um criterioso observador, ao mesmo tempo em que define a existência de um segredo, desvendando-o ou não.

Sabe-se que, em se tratando de imagens, existe sempre a possibilidade de se dizer algo sem o uso das palavras. A representação do silêncio eloquente de dois corpos que descem melancolicamente um de cada lado da porta, simbolicamente representativa da separação e do isolamento, pode falar mais alto que um discurso proferido com veemência ou uma atitude de repreensão desmedida. Depende dos olhos de quem observa o dito no visível ou o não dito no invisível.

“A fotografia não se tornou uma arte porque aciona um dispositivo opondo a marca do corpo à sua cópia. Ela tornou-se arte explorando uma dupla poética da imagem, fazendo de suas imagens, simultânea ou separadamente, duas coisas: os testemunhos legíveis de uma história escrita nos rostos ou nos objetos e puros blocos de

visibilidade, impermeáveis a toda nova narrativização, a qualquer travessia do sentido” (RANCIÈRE, 2012, p. 20)

Os espectadores em geral deixam suas mentes serem ocupadas pelo espaço do filme, a fim de viverem a experiência cinematográfica de maneira única, experimentando emoções diferenciadas no decorrer da narrativa, muito próximas da experimentação do espaço real, tornando este, um espaço simulado vivido.

No espaço educacional, a falta de interação, o ambiente de restrição muitas vezes criado pelo professor, constrói portas que separam, ao invés de construir pontes que proporcionem diálogo e contato pessoal entre os alunos. As experiências em muitos casos, tornam-se nulas, ou pelo menos pouco produtivas na vida prática dos mesmos. Sem a relação sócio interacional, os alunos tendem a desenvolver frustrações, a terem seu potencial coibido e conseqüentemente seguem por caminhos muito mais difíceis na busca por seus sonhos. É como se ao serem apresentados ao mundo real, já na vida adulta (como no caso das princesas), os problemas e desafios da vida vão surgindo e a falta de controle e a insegurança para tomarem certas decisões vão ficando mais aparentes.

A atitude dos pais de Elza e Anna no filme ao separarem as irmãs deveria servir como ação de proteção, entretanto, esqueceram-se que eles não durariam para sempre, que um dia as duas conheceriam o mundo exterior e que as experiências não adquiridas através das relações sociais, sobretudo da fraterna, não trariam soluções para os problemas que surgiriam a sua frente.

Alunos que despertam uma atenção maior por parte dos educadores em virtude do seu desempenho ser considerado acima da média, ou alunos que chamam atenção pelo ritmo diferenciado de aprendizagem, muitas vezes são separados do restante do grupo, criando-se um ambiente de exclusão e/ou restrição capaz de gerar incertezas, desconfiança e resistência quanto a novos aprendizados, ainda que na vida adulta.

A infância precisa ser pautada em uma base sólida de cooperação, interação e apoio, para que a estrutura de troca de experiências seja mantida, independente do ritmo de cada um. A experiência de vida de crianças que crescem em ambientes excludentes e separatistas tende a ser muito restrita.



A separação das irmãs na idade adulta

DUARTE (2002) ressalta que existem aspectos valorativos presentes na multiplicidade de obras, como o respeito às diferenças e às visões de mundo que integram as diversas sociedades complexas e suas práticas específicas. Já para LIBÂNEO (1986), os profissionais da educação precisam valorizar os saberes e os ritmos de aprendizado de cada aluno na sua essência e nas suas particularidades e a equipe docente deveria ser melhor preparada. Sobre o processo ensino-aprendizagem ainda acrescenta:

A prática pedagógica é uma prática social envolvendo uma inter-relação adultos-aprendizes, observadas a fase de desenvolvimento psicológico e social destes últimos e que visa modificações profundas nos sujeitos envolvidos a partir da aprendizagem de saberes existentes na cultura conduzidas de tal forma a preencher necessidades e exigências de transformação da sociedade. (LIBÂNEO,1986. P. 43).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

No ambiente de sala de aula percebe-se que determinadas atitudes de alguns professores assemelham-se muito à atitude tomada pelos pais das princesas no filme. Primeiro no tocante ao medo de que algumas ações praticadas em sala estabeleçam um problema e/ou uma situação que fuja ao controle docente, como por exemplo, quando uma criança descobre-se potencialmente conhecedora de aspectos ainda não debatidos em sala e decide por divulgar a sua maneira. Segundo, para que sua autoridade não seja contestada pela “sabedoria infantil” e a ideia de homogeneidade faça com que seja barrado aquele avanço diferenciado existente em alguns estudantes.

Na vida adulta certos traumas da infância podem ditar os passos do indivíduo tornando-o mais inseguro, ou com um maior número de tomada de decisões equivocadas, frutos de decisões paternas e/ou docentes, que inibiram sua independência, bem como seu crescimento cognitivo.

CONCLUSÃO

Trabalhar a educação infantil de modo a abrir novas portas para os que têm sede de conhecimento e que o demonstram a sua maneira, é tarefa árdua quando se lida com as diferenças de ritmo e com as potencialidades múltiplas das crianças em idade escolar.

A partir de uma visão educacional conectada com as novas gerações, o educador atenderá as expectativas dessa nova sociedade que clama por um ensino qualificado, que viabilize, sobretudo, uma educação inclusiva, do tipo que trabalha unindo todos os estudantes em torno do processo ensino aprendizagem com equidade, independente do grau de facilidade de assimilação que alguns possam ter em relação aos outros, respeitando as diferenças.

Penso que ao abrir as portas fechadas para quem tem um ritmo mais acelerado de aprendizado, fazendo com que o mesmo interaja com as outras crianças, dividindo saberes, trocando experiências e vivenciando histórias de aprendizado mútuo, as contribuições serão imprescindíveis para a coletividade. O ato de separar, de restringir ou de frear o aluno que se destaca pelo potencial que o diferencia dos demais, além de dificultar as relações sociais do aluno em questão, ainda implicará em exposição desnecessária do mesmo, inculcando na mente dos demais a ideia de que caminhar como a maioria no processo educativo é a única forma de crescer intelectualmente.

De acordo com Vygotsky (2000), uma das principais contribuições para a educação é defender que o processo de aprendizagem é o motor do desenvolvimento, algo externo do sujeito diretamente relacionado à história e a cultura. Ele ainda ressalta a importância da outra pessoa no desenvolvimento da individualidade. Ele observa que a aprendizagem e o desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida do ser humano. Para Vygotsky, o processo de ensino-aprendizagem segue por um caminho de três vias: aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas.

É desumano separar as crianças por conta dos diferentes ritmos de aprendizado de cada um. Pais e professores devem seguir pelo caminho da inclusão e da busca pelos métodos que mais se adequem a forma de aprender das crianças. Todos tem grande responsabilidade sobre isto. SILVA menciona que

Atualmente, os pais devem estar cada vez mais atentos aos filhos, ao que eles falam, o que eles fazem, as suas atitudes e comportamentos. E, apesar de ser difícil, a escola também precisa estar atenta. Eles se comunicam conosco de

várias formas: através de sua ausência, de sua rebeldia, seu afastamento, recolhimento, choro, silêncio. Outras vezes, grito, zanga por pouca coisa, fugas, notas baixas na escola, mudanças na maneira de se vestir, nos gestos e atitudes. Os pais devem perceber os filhos. Muitas vezes, através do comportamento, estão querendo dizer alguma coisa aos pais. E estes, na correria do dia-a-dia, nem prestam atenção àqueles pequenos detalhes. (SILVA, 2008, p. 01)

O que cada um dos que trabalham com educação infantil precisa fazer é estimular as potencialidades dos alunos a partir de lógica e especificidades individuais. Para tanto, faz-se necessário ainda mais interesse pelo crescimento cognitivo dos pequenos, acompanhando mais de perto os que se destacam por possíveis “dons” e encontrar alternativas que os façam querer desenvolver cada vez mais, com responsabilidade e concentração, a intelectualidade infantil. Processo bem diferente do que foi feito na animação com as princesas de Arendelle.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Rosália. Cinema na escola. IN: *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Temas & Educação, 3) (p. 85-96)

METZ, Christian. O dizer e o dito no cinema: o caso de um verossímil: In: *A significação no cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Debates, 54) (p. 225-243)

RANCIÈRE, Jacques. O destino das imagens. IN: *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. (Coleção ArteFísil) (p. 9-41)

VIGOTSKI, L.S. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SILVA, Sonia das Graças Oliveira. **A relação Família/Escola**. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/arelacaofamilia%10escola3012/artigo/>>. Publicado em 2008. Acesso em 30 de outubro de 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítica-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1986.